

ATIVIDADE ORIENTADA DE ENSINO

Acadêmica: Elimara Mendes da Ora.

Reflexões compositivas sobre a morte em contos de Agustina Bessa-Luís

Resumo: O estudo destaca as esferas bio bibliográficas, recepção crítica, temáticas e exames comparados de contos de Agustina Bessa-Luís. Neste trabalho será pesquisado como o tema da morte compõe diferentes níveis de construção literária da escritora.

CCND

C.H.: 68h

1 Agustina Bessa-Luís em vida e obra

Segundo apreciação da crítica literária, Agustina Bessa-Luís é uma das escritoras mais marcantes da literatura portuguesa contemporânea, reconhecida por sua escrita profunda e por uma análise detalhada da condição humana. Como destacou Fernanda Ribeiro, diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto:

Lembrar Agustina Bessa-Luís é um privilégio e uma obrigação ou não fosse a Faculdade de Letras uma instituição onde a Literatura tem um lugar cimeiro. E a melhor forma de recordar Agustina é, sem dúvida, a divulgação da sua obra, de modo a que possa estar acessível a todos sem restrições de qualquer tipo. (Ribeiro *apud* FLUP, 2021, p. 5)

Portanto, dada a relevância e o impacto de sua obra, dispomos de um rico trabalho de elaboração da linguagem e de reflexão sobre as relações humanas e sociais, em que distintos universos se apresentam para nós leitores. Nascida em Vila Meã, no norte de Portugal (FLUP, 2021), Agustina cresceu em um ambiente rural que influenciou sua visão de mundo e sua narrativa. Essa conexão com as tradições locais e com o universo feminino marcou profundamente sua literatura, na qual personagens complexas habitam histórias permeadas por reflexões por temas como a condução do destino, a manutenção do poder e a profundidade das relações humanas.

Mónica Baldaque, presidente do Círculo Literário Agustina Bessa-Luís (CLABL) enfatizou que escritora: “Não foi, Agustina, apenas uma contadora de histórias; foi alguém que através da escrita avançou de exercício em exercício, numa busca permanente da alma, da sua alma, e de cada um, confirmada na prova real em cada romance.” (Baldaque *apud* FLUP, 2021, p. 8). Essa busca constante pelo essencial, pelo que transcende o imediato, faz de sua obra um espaço de diálogo entre o individual

e o universal. Com mais de 160 títulos publicados, Agustina nos deixou um extenso legado que contém uma variedade de obras, tais quais: romances, novelas, ensaios, crônicas, contos, peças teatrais, literatura infanto-juvenil, memórias, biografias e textos esparsos publicados em coletâneas diversas. A sua considerada obra-prima, *A Sibila* (2017), consolidou seu nome no cenário literário ao explorar questões como o papel das mulheres em sociedades patriarcais e os dilemas das possibilidades de autoconhecimento. Para muitos críticos, *A Sibila* representa o ponto de partida para compreender o universo agustiniano, onde o psicológico e o social se entrelaçam.

Além de suas contribuições literárias para o público leitor, Agustina manteve uma relação singular com os âmbitos cinematográficos, conforme enumerado na obra *Uma exposição – Agustina: Pensadora entre as coisas pensadas* (FLUP, 2021). Os cineastas Manoel de Oliveira e João Botelho fizeram releituras de várias de suas obras, como os filmes *Vale Abraão* e *A Corte do norte*, reafirmando a universalidade de seus temas e a profundidade do tratamento estético das suas personagens.

A obra de Agustina transcende o tempo e permanece viva como um “patrimônio do pensamento” (Baldaque, 2021), representando uma reflexão constante sobre o ser humano e suas contradições. A título de exemplo, em 2019, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto organizou uma exposição dedicada à escritora, reunindo 165 títulos que ilustram a riqueza e a diversidade de sua produção literária. Como observou Mónica Baldaque (2021), Agustina deixou marcas que podem até se dissolver no decorrer dos tempos em alguns aspectos, mas a escritora nos traz novos elementos para a compreensão da vida e da sociedade em seus seres fabulosos.

2 Recepção crítica

A obra de Agustina Bessa-Luís, especialmente seus romances, têm sido objeto de ampla análise crítica, destacando-se por sua reverberação temática e construção compositiva. Embora sua produção romanesca seja mais extensa e amplamente reconhecida, os contos ocupam também um lugar central na reflexão sobre sua escrita, funcionando como espaços de experimentação e síntese. Segundo Catherine Dumas (2021), os contos de Agustina são “um laboratório da obra romanesca”, revelando-se fundamentais para compreender os desdobramentos e os alicerces de sua narrativa.

Agustina produziu contos ao longo de a sua carreira, em obras como *Contos impopulares* (2004), *A brusca* (1984) e *Contos amarantinos* (1988), e também inseridos em coletâneas ou antologias. Esses textos não apenas acompanham sua trajetória literária, mas também dialogam com seus romances. A pesquisadora Dumas observa que os contos de Agustina parecem formar um fundo comum à sua produção dos romances (Dumas, 2021), especialmente ao abordar questões psicológicas,

a análise do comportamento humano e situações de limite. Configurando-se, então, em procedimentos e temas constantes da ficção de Agustina Bessa-Luís.

A pesquisadora (2021) prossegue destacando que a escritora portuguesa incorpora referências filosóficas de maneira marcante em suas coletâneas. A adoção de um fragmento de Nietzsche como epígrafe em *Contos impopulares* (2004) reforça a ideia de que – como o trecho: “Todo o trabalho importante – deves ter sentido em ti mesmo – exerce uma influência moral” – se expande o espaço interior da narrativas literárias. Tal epígrafe ilustra a consequência de uma pedra lançada à água, a qual reverbera várias imagens circulares. Essa metáfora pode sintetizar a riqueza dos contos de Agustina, que transcendem suas limitações de extensão para abordar temas universais.

Os contos de Agustina, como dito anteriormente, têm grande destaque pelo universo da introspecção e da exploração psicológica. A crítica Catherine Dumas identifica nesses textos um diálogo constante com o fazer literário, evidenciado pela complexidade do esboço das personagens e pelo foco em dilemas interiores. Dumas observa: “No conto minimalista ‘O cortejo’, é o sono e não já o sonho que projecta a personagem numa **espera** que podemos julgar **eterna**, emblemática **da condição humana**”. (Dumas, 2021, p. 16; grifos nossos). Essa análise evidencia como Agustina utiliza o conto como espaço para refletir sobre temas fundamentais, como a passagem do tempo, o isolamento e o destino.

Outra característica notável nos contos de Agustina que a pesquisadora salienta é a fusão entre o real e o mítico. Sobre o conto “A mãe de um rio” Dumas analisa como a paisagem se torna uma extensão do estado psicológico da protagonista, transformando o cenário em um elemento narrativo essencial: “A paisagem social concretiza-se aqui nas cisternas, espaço de extensão superficial, limitado à superfície da narrativa, ocasionando um **contraste com o espaço subterrâneo** infindo. (Dumas, 2021, p. 18; grifos nossos). Dumas também aponta que, nos contos, Agustina frequentemente acessa a dimensão mítica de imediato, enquanto no romance isso ocorre de forma mais circunstancial. Essa característica distingue o conto como uma modalidade textual em que a escritora também experimenta liberdade narrativa e estilística. Os contos de Agustina Bessa-Luís, embora menos conhecidos em relação aos seus romances, desempenham um papel essencial na compreensão de sua obra como um todo. Como destaca Catherine Dumas:

O conto focaliza temáticas e desenvolve um discurso metatextual que atravessam a obra toda. Situando-se na junção do real com o sobrenatural, o conto proporciona uma modalidade textual variegada, extensiva a discursos extradiegéticos, inclusive. Tanto pode contemplar o testemunho como o mito. (Dumas, 2021. p. 21)

Por conseguinte, o conto em Agustina não é uma modalidade textual a mais, mas um diálogo com o universo narrativo da escritora, consolidando-se como um componente rico e fundador de sua produção literária. A obra de Agustina Bessa-Luís tem sido amplamente reconhecida por sua

capacidade de explorar as profundezas da condição humana, frequentemente abordando temas controversos ligados à sexualidade e ao desejo, de maneira inovadora e simbólica. Reverberando esses temas, uma das perspectivas de destaque é o estudo sobre o erotismo em sua obra. Nesse sentido, a pesquisadora Anamaria Filizola assinala o paradoxo do “erotismo da infelicidade”. Essa expressão expressa a maneira como a escritora em alguns casos permeia a sexualidade nos contos, entrelaçando com traços ora de desalento, ora de transgressão. Filizola observa que Agustina nunca descreve o erotismo de forma manifesta, preferindo a sugestão e o mistério, o que deixa espaço para o leitor interpretar e preencher as lacunas narrativas. No conto “Um inverno frio” (1984), a sexualidade é apresentada de forma concisa e enigmática, como observado pela contista:

Não quero dizer que não tenha prazer em construir bem um texto, mas o que eu gosto de fazer é uma história quase seca e sugerida por uma série de palpites e não pelo conhecimento da pessoa. Como ‘Um inverno frio’, um dos melhores contos que escrevi até hoje. Se todo o resto se perdesse, como nas cheias do Capibaribe, no Recife, bastava que esse conto ficasse para me qualificar. (Bessa-Luís *apud* Filizola, 2022, p. 140).

Essa abordagem reflete a habilidade de Agustina em explorar o não dito, utilizando o silêncio e a sugestão como ferramentas narrativas poderosas, tal qual na construção das personagens no conto “Um inverno frio”. Filizola prossegue pontuando o diálogo de Agustina com as propostas de Sigmund Freud, as quais são central para a construção dos personagens e das tramas das narrativas. A escritora menciona que percorreu a obra freudiana como “um romance devastador”, o qual impactou profundamente sua percepção da vida e da literatura. Como a escritora afirmou: “Depois disto nada fica intacto” (Bessa-Luís *apud* Filizola, 2022, p. 142). Esse influxo pode ser visualizado em algumas narrativas nas quais destacam-se a repressão social dos desejos, conflitos internos das personagens e relações familiares enigmáticas.

Anamaria Filizola pondera que a constituição da memória é outro elemento essencial na obra de Agustina Bessa-Luís. Para a crítica, no conto “Um inverno frio”, o protagonista João Galeão revisita inconscientemente uma lembrança aparentemente insignificante do olhar de uma criada que ressurge como uma revelação dramática anos depois, ligada à morte da mãe do protagonista. Como observa Filizola: “O núcleo ficcional do conto termina com a repetição, à maneira de Proust, do incisivo meio quebrado, evento aparentemente inócuo que, passado uma década, o protagonista revive enquanto tragédia” (Filizola, 2022, p. 141). Esse tipo de narrativa expressa um estilo peculiar de Agustina, o qual combina economia de palavras com profundidade simbólica, permitindo que eventos banais adquiram significados transformadores.

A pesquisadora também discorre que Agustina problematiza determinados papéis da educação na formação das percepções sobre a sexualidade. Em suas entrevistas, a escritora discute como a “educação vitoriana” moldou sua geração, ressaltando a dificuldade de transgredir essas normas sem

consequências. Ela declara: “As pessoas são educadas no estilo vitoriano e não começam a transgredir, porque é muito perigoso. [...] A natureza não dá saltos, nunca” (Bessa-Luís *apud* Filizola, 2022, p. 151). Essa tensão entre tradição e desejo é um dos fios condutores de sua obra, evidenciando a habilidade da contista em abordar temas tabu com sensibilidade e ousadia. Tal qual ressaltou Filizola, a escrita de Agustina combina “o erotismo transgressor com uma abordagem insinuante e misteriosa”, criando uma literatura que exige do leitor tanto reflexão quanto imaginação. Sua obra permanece como um testemunho da capacidade da literatura de iluminar os aspectos mais profundos e enigmáticos da condição humana.

3 Dimensões compositivas e temáticas sobre a morte

A Temática, conforme perspectiva abordada por Boris Tomachevski (*apud* Todorov, 2014), alude à parcela do conteúdo interno de uma obra literária, particularmente, ao tema e ao conjunto de motivos que a estruturam. Para Tomachevski, o estudo sobre o tema consiste no conjunto de idéias, problemas ou questões que ajudam a compor compositivamente o núcleo narrativo de uma obra. Nesse sentido, esse elemento teórico discorre sobre assuntos inerentes à condução das narrativas, os aspectos que o texto literário apresenta como significativos para a elaboração das tensões constitutivas no encadeamento interno dos acontecimentos. A Temática, portanto, compõe-se dentro numa vertente dos estudos literários que procura analisar temas de acordo o andamento interno da arquitetura dos textos.

Já a Tematologia, conforme perspectiva apresentada pelos pesquisadores Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux (2001), vai além do estudo específico de temas dentro de uma obra, propondo um enfoque comparativo e sistemático. A Tematologia analisa como determinados motivos como a morte agônica, a sexualidade feminina ou a liberdade no exílio se manifestam ao longo da história literária e entre diferentes literaturas, enfatizando a variação e a recorrência. Assim, a Tematologia diversifica o escopo para abarcar conexões mais diversas, cruzando fronteiras de tempo e espaço para compreender o impacto e a resignificação de determinados motivos.

A adoção dos expedientes da Temática na obra de Agustina Bessa-Luís exploraria os temas relacionados à morte como um elemento intrínseco à narrativa e às personagens. No conto “Um inverno frio” (1984), por exemplo, a morte aparece de maneira metafórica e concreta, marcada pela descrição e pela trajetória da família dos Galeões no povoado de Bóbeda, resultando na “estranha decomposição” percebida pelo protagonista João Galeão: “Julgava que o mundo sofria duma estranha decomposição; subitamente apetecia-lhe mudar de casa, de país, de costumes; comprava pratas antigas, fazia a sua árvore genealógica, comemorava datas” (Bessa-Luís, 1984, p. 175). A narrativa mostra certa relação de João com a transitoriedade da vida, marcada pela nostalgia e pela simbologia da degradação

social e familiar do seu grupo pessoal. A morte aqui pode ser uma metáfora da transformação e da perda das percepções que o protagonista tinha sobre o mundo ao seu redor (uma morte social da sua família). Não obstante, o tema relacionado à morte também se concretiza na figura da mãe, cujo falecimento retorna à lembrança como se fosse um momento catártico:

No entanto, a sua mãe se tornou um pouco azeda, um pouco herege, e morreu de congestão ao meio-dia, enquanto comia uma pêra-de-água. Encontraram-na já fria, com os olhos abertos, um ar de ira sobrenatural no rosto miudinho. João beijou-lhe as mãos; ficou calado, sem lágrimas. E, de repente, viu na polpa do fruto a marca dum dente incisivo meio quebrado. Pôs-se a chorar, a chorar. Meu Deus – disse –, meu Deus, Senhor! (Bessa-Luís, 1984, p. 175).

Temos, portanto, um paralelismo entre a morte da mãe do protagonista e a visualização da semelhança do dente na boca da criada em “O inverno frio” (sendo esta revelação uma das causas do transtorno de João Galeão). Caberá aos procedimentos utilizados na Temática tentar vislumbrar parte dos encadeamentos conflitivos do conto (como nó, clímax e desfecho) para, então, buscar um tema que se associe internamente à condução do conto. Para ilustrar, poderíamos situar para esse conto o tema da “morte da ilusão da solidez de uma clã”.

Em “Filosofia verde” (Bessa-Luís *apud* Salema, 1984), o texto aborda o aproveitamento comercial da morte súbita, mergulhando em camadas sociais mais à margem da sociedade, certas relações de compaixão e a exploração econômica em torno de corpos mortos numa grande metrópole. Essa morte despersonalizada e inserida no cotidiano destaca a ironia das circunstâncias e a indiferença da sociedade em relação aos dois protagonistas do conto:

Eram simplesmente caçadores de mortes súbitas. [...] subtraíam-no ao carro que fazia o intercâmbio entre esses paradeiros de acaso e a morgue, entregavam-no a domicílio, e esperavam, como bons funcionários, a gorjeta (Bessa-Luís *apud* Salema, 1984, p. 167-168).

Os dois protagonistas (caçadores de mortes súbitas, não nomeados no conto) têm a sua rotina noturna e fria alterada quando um deles vem a falecer. O outro protagonista necessita tomar decisões e rever determinadas prioridades diante desse fato. Logo estamos em presença de uma situação-limite, conforme sinaliza a pesquisadora Catherine Dumas sobre uma constante em contos do livro de Bessa-Luís:

Contemplarei a dicotomia presente a nível implícito no título *Contos Impopulares*. E veremos, com alguns exemplos, como cabe a noção de conto popular na obra da romancista. *Impopulares* são os primeiros contos publicados por Agustina pela preponderância dada à análise da psique humana através do estudo de casos individuais colocados em situações limite. (Dumas, 2011, p. 15)

Um possível motivo ligado à morte, aqui, pode se conectar com questões universais, como a banalização da vida e a luta pela sobrevivência. A Tematologia evidencia como o conto “Filosofia verde” inseriria a morte em um contexto cultural e histórico, dialogando com a miséria e os dilemas éticos de sua época e com motivos de outras obras literárias de outros escritores e de outras épocas. Na perspectiva da Tematologia poderia se associar o motivo do “trabalho insólito junto à morte” do conto “Filosofia verde”, de Agustina Bessa-Luís, com o romance *Enterre seus mortos*, de Ana Paula Maia (2018), por conta da similaridade das profissões, da semelhança da atuação junto à morte, do perfil das personagens e da ação em dupla.

A morte nos contos de Agustina não é apenas um evento final, mas um elemento narrativo que ilumina a fragilidade humana e as contradições sociais. Em “Os amantes aprovados” (Bessa-Luís *apud* Melo, 2002) relata-se a vida de uma senhora em uma pequena cidade – a protagonista é viúva de um juiz de segunda classe e mãe de onze filhos (nove filhos perduraram) –, que, após o falecimento de seu marido, tem sua vida amorosa posterior questionada e interditada pela sociedade local. No conto o tema relacionado à morte da viúva e possível morte de David (seu namorado) pode ser apresentado como uma fusão de drama íntimo e julgamento social:

Um dia, constou que se tinham matado. Ela aparecera com duas balas no peito, no soalho do seu pequeno quarto onde se respirava essa miséria estéril dos que apenas duram, apenas dormem, apenas sonham, apenas mentem. [...] David respirava ainda. [...] Esqueçiamo-nos de dizer que David sobreviveu. Que lhe aconteceu depois, não sabemos. (Bessa-Luís *apud* Melo, 2002, p. 316).

Nesse conto, a morte simboliza a intersecção entre o desejo e o desespero, evidenciando as pressões sociais que transformam o amor num infortúnio. Nesse sentido, as personagens, condenadas pelos padrões morais da comunidade, buscam na morte uma forma de libertação para uma vida marcada pela exclusão e pelo julgamento. Em “Os amantes aprovados”, a morte da viúva e o grave ferimento e o afastamento de David são rapidamente encobertos pela comunidade local: “O caso, muito abafado, passou depressa, pois o mundo gosta de resgatar a sua responsabilidade com o esquecimento” (Bessa-Luís *apud* Melo, 2002, p. 316). Assim, ironicamente, o texto aponta a hipocrisia e a desfaçatez da sociedade dessa pequena cidade. Aqui, a Tematologia poderia evidenciar o esquecimento como uma estratégia social para lidar com as consequências da perseguição social, tal qual numa comparação sobre o motivo da “retirada da responsabilidade sobre a morte”, por exemplo, com o que ocorre no conto “Penélope”, de Dalton Trevisan (1994). Nessa narrativa um casal de idosos recebe cartas anônimas com trotes de uma possível traição. Esse fato leva ao constrangimento contínuo do idoso em cima de sua esposa, e, depois, ao suicídio desta. Para relativizar ou se abster de culpa, o idoso realiza alguns expedientes de autoconvencimento. A morte, nesse sentido, não apenas conclui a narrativa dos personagens, mas também reforça o ciclo de repressão e conformismo da sociedade.

Já em “O cortejo” (Bessa-Luís, 2024) a possibilidade de tema relativo à morte é sugerida de forma mais abstrata. O protagonista aguarda um cortejo que nunca chega, num cenário desolado que evoca um mundo em decadência:

‘Quando passará, quando virá o cortejo?’, perguntava. Ali estava desde a madrugada, procurando divisar o cortejo que desceria das bandas da cidade, com as suas flâmulas, brilhando e voando, enchendo o horizonte de cores inesperadas e palpitantes. [...]

Cansado, ele inclina um momento a cabeça sobre o parapeito, e adormece. Não por muito tempo, não por muitas horas. Quando volta a arredar a orla da cortina, a olhar pela janela a rua desamparada que se perde na distância entre arbustos calcinados e flores apenas perceptíveis, ainda que fulgurantes, ele, perplexo e inquieto, indaga de si próprio: ‘Já teria passado o cortejo, quando teria passado?!’ (Bessa-Luís, 2024, p. 259).

Essa espera contínua e inútil ressoa como uma metáfora para a morte em vida, ao deixar o protagonista preso entre a antecipação e o vazio acerca de uma possível distração, de um entretenimento, de um passatempo etc. Portanto, em “O cortejo”, a morte é representada como uma ausência que molda a vida. O cortejo, símbolo da transição final, permanece fora do alcance, destacando a incerteza e a incompletude que cercam a existência humana. A Temática nesse conto poderia sugerir a impossibilidade de atuação ou de tomada de decisão do protagonista na narrativa. Nesse cenário, o conto não faz questão de apresentar grandes acontecimentos, preferindo enfatizar a construção de uma atmosfera de espera (circunstancial ou, então, conceitual) sobre a falta de perspectiva do protagonista sobre o que fazer da vida, de maneira presente ou futura. Por conseguinte, pode-se visualizar como tema “a morte em vida em protagonistas solitários” no conto “O cortejo”.

Considerações finais

Neste artigo buscou-se debater algumas dimensões acerca da morte em narrativas do livro *Contos impopulares*, de Agustina Bessa-Luís. Para tal, o estudo procurou salientar certas esferas da vida e obra de Agustina Bessa-Luís, como: a ligação às tradições locais na qual estava inserida, o entrelaçamento com o universo feminino, a diversidade e a amplitude de suas publicações, a sua inter-relação com o âmbito cinematográfico. De outra parte, a investigação pretendeu selecionar tópicos da recepção crítica de Bessa-Luís que se articulam com a produção contística da escritora. Destacaram-se junto à apreciação de Catherine Dumas (2022), o estabelecimento da proximidade entre a produção de contos e a elaboração de romances na escrita de Agustina Bessa-Luís; o caráter experimental dos contos de Agustina; e a inter-relação com esferas míticas. Já com a recepção de Anamaria Filizola

(2011), destacam-se os itens da inserção do erotismo na obra agustiniana; o diálogo com Freud; a travessia da memória nos contos; a repressão social.

Especificamente, a pesquisa buscou fazer um exame das dimensões temáticas nos contos “Um inverno frio” (1984), “Filosofia verde” (1984), “Os amantes aprovados” (2002) e “O cortejo” (2024), em interface com as vertentes teóricas da Temática e da Tematologia. Nesse estudo detectou-se a apresentação de diferentes configurações para a composição da morte nos contos de Bessa-Luís: a morte física, a morte do prestígio de um clã, o insólito coligado à morte, a morte do desejo, a morte vinculada à hipocrisia social, a morte em vida por inação. Em síntese, a pesquisa ressalta certas contribuições da escritora para a modalidade do conto; salienta os procedimentos de crítica social, investigação psicológica das personagens, diversidade compositiva; e assinala uma possível adoção específica de propostas teóricas sobre tema e motivo.

Referências

BALDAQUE, Mônica. Uma homenagem. *In*: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (FLUP). **Uma exposição** – Agustina: Pensadora entre as coisas pensadas. Porto: FLUP, 2019.2021

BESSA-LUIS, Agustina. **Contos impopulares**. Lisboa: Guimarães Editores, 2004.

_____ **A brusca**. Lisboa: Guimarães Editores, 1984.

_____ Filosofia verde. *In*: SALEMA, Álvaro (org.). **Antologia do conto português contemporâneo**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

_____ **Contos, sonhos e imaginações**. Lisboa: Relógio D'Água, 2024.

_____ Os amantes aprovados. *In*: MELO, João de. **Antologia do conto português**. Alfragide: Dom Quixote, 2002.

_____ **A Sibila**. Lisboa: Relógio d'Água, 2017.

_____ **Contos amarantinos**. Porto: Asa, 1988.

DUMAS, Catherine. O lugar do conto na obra de Agustina Bessa-Luís. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, v. 31, n. 46, jul./dez. 2011.

FILIZOLA, Anamaria. Agustina e o erotismo da infelicidade. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, v. 42, n. 68, 2022.

MAIA, Ana Paula. **Enterre seus mortos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MACHADO, Álvaro Manoel; PAGEAUX, Daniel Henri. Temas. *In*: _____ **Literatura portuguesa, literatura comparada e teoria da literatura**. Lisboa, Edições 70, 2001.

RIBEIRO, Fernanda. Abertura. *In*: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (FLUP). **Uma exposição** - Agustina: Pensadora entre as coisas pensadas. Porto: FLUP, 2019.

TOMACHEVSKI, Boris. Temática. *In*: TODOROV, Tzvetan (org.). **Teoria da literatura**: textos dos formalistas russos. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

TREVISAN, Dalton. **Novelas nada exemplares**. Rio de Janeiro: Record, 1994.